

CONEXÕES ENTRE ARTE E PSICOLOGIA: O POTENCIAL DOS ANIMES NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

AMANDA HARTWIG DE HARTWIG¹; GABRIEL TIMM DE OLIVEIRA²; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI³

¹Universidade Federal de Pelotas – amanda.hartwig18@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gabrieldeoliveiraa010@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19, o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial *Epoché*, vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, realizou encontros virtuais de estudos e debates entre estudantes e a professora-orientadora. Os encontros contaram com as animações japonesas (também conhecidas como *animes*) do *Studio Ghibli* como disparadores de reflexões e também como auxiliares no entendimento dos conceitos pertencentes à perspectiva teórica estudada. O presente trabalho faz parte da ação de pesquisa “Diálogos entre Psicologia, Fenomenologia e Arte – experiência e temporalidade nas animações de Hayao Miyazaki”, a qual gerou uma produção na VI SIIPE da Universidade Federal de Pelotas, intitulada “Pesquisando através dos encontros: conexões entre arte e experiência” de HARTWIG e LUCZINSKI (2020).

Os animes são obras de desenho animado produzidas no Japão, com traços, desenvolvimento narrativo, trilha sonora e outras características típicas da cultura nipônica. Conforme STUDIO GHIBLI BRASIL (2020), o *Studio Ghibli*, fundado no ano de 1985, em Tóquio, surgiu para que seus integrantes pudessem produzir de forma livre, sem a influência direta de grandes produtoras. Tais valores resultaram em produções únicas e sensíveis, que ganharam notoriedade. Devido a essa dimensão subjetiva e estética diferenciada, diversos pesquisadores têm se apoiado nestas animações para articulações teóricas e interculturais.

Buscamos então, para o presente trabalho, focar as animações enquanto fenômeno a ser investigado numa perspectiva fenomenológica, procurando evidenciar quais são as potencialidades deste tipo de mídia. Dessa forma, contamos com as contribuições de diversos(as) pesquisadores(as), não apenas da área da Psicologia, mas em uma perspectiva multidisciplinar, para entendermos as possibilidades de articulações em nossa própria linha de pesquisa e para planejar futuras intervenções dentro e fora da universidade.

2. METODOLOGIA

Para estabelecer um diálogo teórico entre produções de diferentes áreas, fizemos um levantamento bibliográfico de artigos e estudos sobre as animações japonesas, selecionando aquelas que traziam a esfera histórica, social e cultural destas produções, assim como as que se utilizavam das narrativas do *Studio Ghibli* e suas implicações.

A linha teórica que nos guia por estes estudos é a da Psicologia fenomenológico-existencial, que parte de uma corrente filosófica como embasamento: a fenomenologia. Esta perspectiva estuda os fenômenos que aparecem, considerando suas múltiplas facetas na relação com o mundo e com o

próprio sujeito, pois “todo aparecer de um objeto, sempre apresenta um aparecer de algo *para* alguém” (ZAHAVI, 2019, p. 18, grifos do autor). Dessa forma, exploramos como o fenômeno dos *animes* se mostram à nossa consciência intencional, trazendo questões culturais e históricas presentes em sua fundamentação, a partir de estudos específicos nessa área. Ainda de acordo com ZAHAVI (2019), a perspectiva em primeira pessoa é fundamental para alcançarmos, de acordo com os pressupostos fenomenológicos, alguma compreensão sobre um tema. Sendo assim, nossas próprias experiências e considerações sobre as animações do *Studio Ghibli*, adquiridas no percurso do grupo de estudos e pesquisas, concorrem para explicitar a inovação que podem acrescentar às discussões e intervenções da área da Psicologia.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira fase deste estudo, fizemos uma análise sobre os *animes* e as especificidades deste gênero referentes ao *Studio Ghibli*, nos apoiando nos trabalhos de PERES e SOARES (2018), HORTA (2018) e CHAVES e TORRES (2017), bem como nossas próprias percepções a partir do percurso no grupo de pesquisas *Epoché*. Para isso, considerações sobre produções ocidentais também foram elencadas, demarcando as diferenças estruturais e culturais entre as propostas das narrativas.

Grande parte dos *animes*, de acordo com PERES e SOARES (2018), deixam nítido o interesse em abordar o subjetivo, o campo das sensações e dos significados, se fazendo presente também nas obras do *Studio Ghibli*. Em relação às narrativas ocidentais, BASTOS (2019) explica que a objetividade presente nestas se origina em antigos contos que tinham como função impor valores morais e modelar o comportamento da população. Notamos então um forte contraste, no qual a lógica ocidental acaba afetando a possibilidade de múltiplas interpretações de uma história e a abertura à elaboração da experiência.

Um tema muito explorado nos *animes* é a amizade e a coletividade, evidenciando a importância destas esferas na cultura nipônica. Neste universo, os personagens “secundários” apresentam bom nível de desenvolvimento e complexidade, permitindo uma identificação entre estes e os espectadores, já que os obstáculos expostos na trama fazem com que o público estabeleça uma ligação com questões pessoais e cotidianas (PERES; SOARES, 2018). Essa temática é contemplada nos filmes do *Studio Ghibli*, onde sempre aparece a colaboração coletiva e o destaque a personagens considerados secundários. Na maioria das produções ocidentais, estes personagens geralmente desempenham apenas um papel de figurantes ou de apoio para os personagens principais, demonstrando uma perspectiva individualista e egóica ao redor da figura do “herói”.

Esta característica se interliga a outro traço marcante do *Studio Ghibli*, onde os “vilões” demonstram seu lado afetuoso, ao mesmo tempo em que os “mocinhos” também cometem erros e nem sempre agem “corretamente”. Essa dimensão traz uma perspectiva diferente da dicotomia entre bem e mal, intrínseca à lógica ocidentalizada e cristã, predominante em nossa sociedade (CHAVES; TORRES, 2017).

Também destacamos a pluralidade de personagens com diferentes idades e gêneros. O *Studio Ghibli* é reconhecido por trazer figuras femininas extremamente fortes, determinadas e poderosas como protagonistas (HORTA, 2018), bem como personagens infantis que demonstram autonomia, além de

personagens idosos(as) que se mostram capazes e sagazes. Esta representatividade é fundamental, transgredindo a lógica machista, patriarcal e adultocentrista que opera em nossa sociedade.

A partir destas análises, consideramos que a postura do estúdio em trabalhar estes conteúdos dialoga com pressupostos da teoria existencial-fenomenológica. Trazer uma perspectiva diversificada e não estereotipada sobre os modos de existir no mundo se opõe ao que os fenomenólogos denominam atitude natural, compreendida como a perpetuação do modo como as coisas acontecem, sem questionar ou compreender suas motivações ou regimes de poder. A subjetividade e a intersubjetividade também são temas caros à fenomenologia, que explora formas não dicotômicas e limitantes de investigação dos fenômenos (ZAVAHY, 2019).

No que se refere a ideia de coletividade e sua importância, ZAHAVY (2019) afirma que “o sujeito ligado ao mundo só conquista a sua relação consigo mesmo e com o mundo na totalidade na ligação com os outros, portanto, na intersubjetividade.” (ZAHAVY, 2019, p. 101). Atualmente, é cada vez mais necessário construirmos pontes e relações dialéticas como sociedade e comunidade, pois somos, intrinsecamente, seres de relação. Assim propõe BUBER (2001) com sua filosofia dialógica. Olhar para o outro como um ser em sua totalidade, com sua complexidade e seus afetos é fundamental, de forma que não se coopere com a lógica das relações instrumentalistas. Identificamos esse olhar cuidadoso nas obras do *Studio Ghibli* quando vemos a complexidade dos personagens e a forma como suas relações são construídas.

Como analisado em estudos anteriores (HARTWIG; LUCZINSKI, 2020), as animações do *Studio Ghibli* utilizadas no grupo de pesquisas *Epoché* provocaram nos estudantes um contato com suas próprias experiências e emoções, permitindo elaborações e reflexões acerca da vida pessoal e também de conceitos da teoria fenomenológica-existencial. Pensa-se, então, na possibilidade de expandir essa iniciativa: levar este tipo de mídia como disparador de debates com grupos de alunos universitários, bem como adolescentes nas escolas. Consideramos um dispositivo interessante para refletir sobre as lógicas vigentes na sociedade e pensar em alternativas para mudar essa realidade a partir de pontos de vista diversos e mais inclusivos, como os expostos.

4. CONCLUSÕES

A partir das discussões propostas, pensamos que há diversas formas não tradicionais de propor diálogos entre áreas e campos do saber. As contribuições que mídias atuais e inovadoras podem trazer para um campo tão extenso e, muitas vezes, de difícil acesso, como a Psicologia, são inúmeras. Trata-se de estreitar a articulação entre a Psicologia e a Arte, em suas mais diversas formas. O método utilizado, ancorado na perspectiva fenomenológica, é importante para que se desenvolva um pensamento complexo, considerando os variados modos de existir no mundo. A arte das animações mostra-se como ferramenta para ajudar a formar profissionais mais criativos, inclusivos, críticos e sensíveis.

O constante aumento do consumo deste tipo de produto no Brasil somado a uma grande quantidade de trabalhos cujo ponto de partida são os *animes*, evidenciam a necessidade de uma maior investigação acerca das suas possibilidades. Cabe aqui ressaltar que todas as características exploradas evidenciam o contraste entre culturas de sociedades extremamente diferentes. As temáticas subjetivas e muitas vezes reflexivas destas obras carregam em si os

valores de uma tradição antiga que traz perspectivas admiráveis. Ao mesmo tempo, sabe-se que esse não é o único modo como os animes ou a sociedade japonesa operam, também tendo seu lado machista e opressor (HORTA, 2018), produzindo animações que não fogem da lógica fetichista e violenta que aqui criticamos. Essa ressalva é importante para que não haja uma idealização cultural. Assim como qualquer outro país e cultura, o Japão tem múltiplas facetas, valores, estéticas e modos de subjetivação.

Por fim, buscamos através desse diálogo pensar como os animes, especificamente do *Studio Ghibli*, podem contribuir para o surgimento e aprofundamento de um pensamento contra hegemônico e complexo, que prioriza o acesso à experiência subjetiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, L. *Do Estático ao Animado: a diferença na trajetória do cinema de animação americano para o japonês*. IN: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM**, 42., Belém, 2019. Anais Intercom 2019 São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/eWuGi>. Acesso em: 3 jul. 2021.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001. 8 ed.

CHAVES, R. A.; TORRES, J. W. L. DISTOPIA E ANIMAÇÃO: O UNIVERSO FANTÁSTICO EM NAUSICÁ DO VALE DO VENTO, DE HAYAO MIYAZAKI. **dEsEnrEdoS**, Teresina, n.27, p.169-175, 2017. Disponível em: <https://bityli.com/h0EoJ>. Acesso em: 3 jul. 2021.

HARTWIG, A. H.; LUCZINSKI, G. F. Pesquisando através dos encontros: conexões entre arte e experiência. In: **CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPEL**, 29., Pelotas, 2020. **Anais eletrônicos...** Pelotas: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, 2020. p 1-4. Disponível em: <https://bit.ly/36paLEP>. Acesso em: 3 jul. 2021.

HORTA, L. N. C. Lisa, Ponyo e Yubaba: Três Representações de Hayao Miyazaki que Contestam a Construção da Memória Feminina Japonesa. In: **ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO - COMUNICON**, 7., São Paulo, 2018. Anais Comunicon 2018, São Paulo: ESPM, 2018. Disponível em: <https://bityli.com/hcA0w>. Acesso em: 3. jul. 2021.

PERES, L. A.; SOARES, A. L. R. ANIMES E OTAKUS: UM OLHAR DO AUDIOVISUAL AO GRUPO. **Vivência: Revista de Antropologia**, Natal, v. 1, n. 52, p.191-213, 2019. Disponível em: <https://bityli.com/vy12s>. Acesso em: 3 jul. 2021.

STUDIO Ghibli. **Studio Ghibli Brasil**, c2020. Disponível em: <https://bityli.com/BsJ22>>. Acesso em: 02 jul. 2021.

ZAHAVI, D. **Fenomenologia para Iniciantes**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.